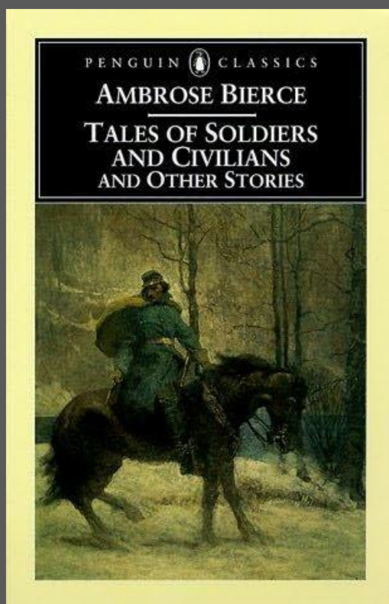
Ambrose Bierce

Traduzido por ROMANCE COM TEMA SOBRENATURAL:
http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059

Chickamauga

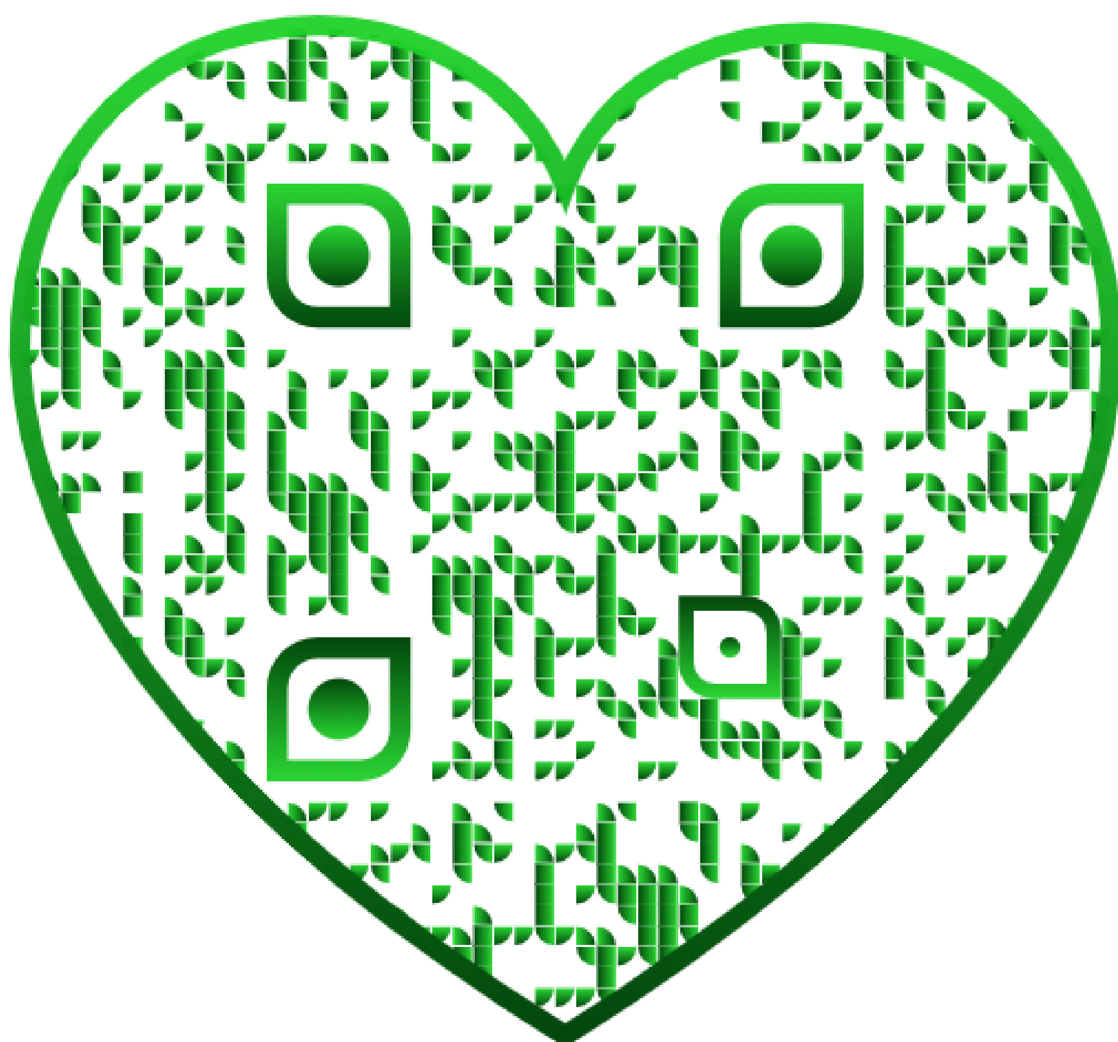
Conto



Ambrose Bierce

Do "Livro Histórias de Soldados, Civilizações e outros contos de Horror"

Tradução e revisão: *Jossi Slavic*
RTS – Romance com Tema Sobrenatural



Ambrose Bierce
Traduzido por ROMANCE COM TEMA SOBRENATURAL:
http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059

Chickamauga

Em uma tarde ensolarada de outono, um menino perdido no campo, longe de sua rústica moradia, entrou em um bosque sem ser visto. Sentia a nova felicidade de escapar a toda vigilância, de andar e explorar à ventura, porque seu espírito, no corpo de seus antepassados, e durante milhares e milhares de anos, estava habituado a cumprir façanhas memoráveis em descobrimentos e conquistas: vitórias em batalhas cujos momentos críticos eram centúrias, cujos acampamentos triunfais eram cidades esculpidas em penhascos. Do berço de sua raça, esse espírito tinha conseguido abrir caminho através de dois mundos e depois, franqueando o largo mar, tinha penetrado em um terreno onde recebeu como herança a guerra e o poder.

Era um menino de seis anos, filho de um pobre plantador. Este, durante sua juventude, tinha sido soldado, tinha lutado no extremo sul. Mas na existência aprazível do plantador, a chama da guerra tinha sobrevivido; uma vez acesa, nunca se apagou.

O homem amava os livros e as imagens militares, e o menino as tinha compreendido o bastante para fazer um sabre de madeira que o pai mesmo, entretanto, não tinha reconhecido como tal. Agora levava este sabre com galhardia, como convém ao filho de uma raça heróica, e ia de tempos em tempos nos claros ensolarados do bosque para assumir, exagerando, as atitudes de agressão e defesa que lhe foram ensinadas por aquelas imagens. Acalorado pela facilidade com que jogava por terra os inimigos invisíveis que tentavam detê-lo, cometeu o engano tático bastante freqüente de prosseguir seu avanço até um extremo perigoso, e se encontrou por fim à beira de um arroio, largo mas pouco profundo, cujas rápidas águas o impediram de continuar adiante, à caça de um inimigo derrotado que acabava de cruzá-lo com ilógica facilidade. Mas o intrépido guerreiro não ia deixar se intimidar; o espírito da raça que tinha franqueado o largo mar ardia, invencível, dentro daquele peito miúdo, e não era simples sufocá-lo. No leito do rio descobriu um lugar onde havia alguns cantos rodados, espaçados a um passo ou a um salto de distância; graças a eles pôde atravessá-lo, caiu de novo sobre a retaguarda de seus inimigos imaginários, e os passou todos à faca.

Agora, uma vez ganha a batalha, a prudência exigia que se retirasse para a base de suas operações. Ai! Como tantos outros conquistadores maiores que ele, como o maior de todos, não podia nem refrear sua sede de guerra nem compreender que o mais afortunado não pode tentar o destino.

De repente, enquanto avançava na beirada, encontrou-se frente a um novo e formidável adversário. À volta de um atalho, com as orelhas rígidas e as patas dianteiras pendentes, muito erguido, estava sentado um coelho. O menino lançou uma exclamação de assombro, deu meia volta e escapou sem saber que direção tomava, chamando a sua mãe com gritos inarticulados, chorando, tropeçando, com sua tenra pele cruelmente rasgada pelas sarças, seu coraçãozinho palpitando de terror, sem fôlego, cego pelas lágrimas, perdido no bosque. Depois, durante mais de uma hora, seus pés vagabundos o levaram através de males inexplicáveis, e por fim, rendido de cansaço, deitou-se em um estreito espaço entre duas rochas a poucos metros do rio.

Ali, sem deixar de apertar seu sabre de madeira, que não era já para ele uma arma mas só um companheiro, dormiu à força de soluços. Em cima de sua cabeça, os pássaros do bosque cantavam alegremente, os esquilos, castigando o ar com o esplendor de suas caudas, chiavam e corriam de árvore em árvore, ignorando o menino choroso, e em alguma parte, muito longe, grunhia um trovão, estranho e surdo, como se as perdizes redobrassem para celebrar a vitória da natureza sobre o filho daqueles que, desde tempos imemoriais, reduziram-na à escravidão. E do outro lado,

na pequena plantação, onde homens brancos e negros, cheios de alarme, procuravam febrilmente nos campos e nos cercos, uma mãe tinha o coração destroçado pelo desaparecimento de seu filho.

Passaram as horas e o pequeno adormecido se levantou. A frescura da tarde transía seus membros; o temor às trevas, seu coração. Mas tinha descansado e não chorava mais. Impulsionado a agir por um impulso cego, abriu caminho através das sombras que o rodeavam até chegar a um extremo mais aberto: a sua direita, o arroio; a sua esquerda, uma suave descida com umas poucas árvores; e, as sombras cada vez mais densas do crepúsculo. Uma névoa tênue, espectral, com o passar da água, inspirou-lhe medo e repugnância; em lugar de atravessar o arroio pela segunda vez na direção em que tinha vindo, deu-lhe as costas e avançou para o bosque sombrio que o cercava.

Subitamente, ante seus olhos, viu deslocar-se um objeto estranho que tomou a princípio por um enorme animal: cão, porco, não sabia; possivelmente um urso. Tinha visto imagens de ursos e, não abrigando temor para eles, tinha desejado vagamente encontrar um. Mas algo na forma ou no movimento daquele objeto, algo torpe em seu andar, disse-lhe que não era um urso; o medo refreou a curiosidade, e o menino se deteve. Entretanto, à medida que a estranha criatura avançava com lentidão, aumentou sua coragem porque advertiu-se que não tinha, ao menos, as orelhas largas e ameaçadoras do coelho. Possivelmente seu espírito impressionável era consciente pelo menos de algo familiar nesse andar vacilante, ingrato.

Antes que se aproximasse o suficiente para dissipar suas dúvidas, viu que a criatura era seguida por outra e outra e outra. E havia muitas mais à direita e esquerda: o campo aberto que o rodeava formigava daqueles seres, e todos avançavam para o arroio.

Eram homens. Subiam com as mãos e os joelhos. Alguns só usavam as mãos, arrastando as pernas; outros, só os joelhos, e os braços penduravam, inúteis, de cada lado. Tratavam de ficar em pé, mas se abatiam no curso de seu esforço, o rosto contra a terra. Nada faziam normalmente, nada faziam de igual maneira, salvo essa progressão pé por pé no mesmo sentido. Um por um, dois por dois, em pequenos grupos, continuavam avançando na penumbra; às vezes, alguns faziam uma parada, outros adiantavam-se, arrastando-se com lentidão, e aqueles, então, reatavam o movimento.

Chegavam por dúzias e por centenares; estendiam-se a direita e esquerda até onde podia escrutinar-se na escuridão crescente, e o bosque negro detrás deles parecia interminável. O chão mesmo parecia deslocar-se para o arroio. De tempo em tempo, um daqueles que tinha parado não reatava seu caminho e jazia imóvel: estava morto. Alguns se detinham e gesticulavam de maneira estranha: levantavam os braços e os deixavam cair de novo, tomavam a cabeça com ambas as mãos, estendiam as palmas para o céu como fazem certos homens durante as preces que dizem em comum.

O menino não reparou em todos estes detalhes que só teria alarmado um espectador de mais idade. Só viu uma coisa: eram homens, e entretanto se arrastavam como garotinhos. Eram homens, nada tinham pois de terrível, embora alguns usassem vestimentas que desconhecia.

Caminhou livremente em meio deles, olhando-os de perto com infantil curiosidade. Os rostos de todos eram singularmente pálidos; muitos estavam machucados no rosto e tinham gotas vermelhas. Isto, unido às suas atitudes grotescas, lembrou-lhe o palhaço borrado que tinha visto no circo no verão anterior, e ficou rindo ao contemplá-los. Mas esses homens mutilados e sanguinolentos não deixavam de avançar, sem deixar de mostrar ao menino, o dramático contraste entre a risada deste e sua própria e horrível situação. Para o menino era um espetáculo cômico. Tinha visto os negros de seu pai arrastar-se sobre as mãos e os joelhos para diverti-lo: nesta posição os tinha montado, «fazendo acreditar» que montava cavalos.

E então se aproximou por detrás de uma dessas formas rampantes, e depois, com um ágil movimento, lhe sentou escarranchado. O homem desabou sobre o peito, recuperou o equilíbrio, furiosamente e fez cair o menino como faria um potro selvagem e depois voltou para ele um rosto ao qual faltava a mandíbula inferior; dos dentes superiores à garganta, abria-se um grande oco vermelho franjeado de pedaços de carne pendente e de lascas de osso. A saliência monstruosa do nariz, a falta de queixo, os olhos estranhos, davam ao ferido o aspecto de um grande pássaro rapace com o pescoço e o peito avermelhados pelo sangue de sua presa. O homem ergueu-se sobre os joelhos.

O menino ficou de pé. O homem o ameaçou com o punho. O menino, por fim aterrorizado, correu até uma árvore próxima, protegeu-se atrás do tronco, e depois encarou a situação com maior seriedade. E a sinistra multidão continuava arrastando-se, lenta, dolorosa, em uma lúgubre pantomima, descendo como um formigamento de escaravelhos negros, sem fazer jamais o menor ruído, em um silêncio profundo, absoluto.

Em vez de obscurecer-se, a enfeitiçado paisagem começou a iluminar-se. Mais à frente do arroio, através da cintura de árvores, brilhava uma estranha luz vermelha sobre a qual se destacava o negro encaixe dos ramos; batia nas silhuetas e projetava sobre elas monstruosas sombras que caricaturavam seus movimentos na erva iluminada; caía em seus rostos, tingia sua palidez de uma cor de cobre em pó, acentuando as manchas que distorciam e maculavam a tantos deles, e cintilava sobre os botões e as partes metálicas de suas roupas. Por instinto, o menino se voltou para aquele esplendor sempre crescente, e desceu a colina com seus horríveis companheiros; em poucos instantes, tinha passado o primeiro da multidão, façanha fácil dada sua manifesta superioridade sobre todos. Colocou-se à frente, o sabre de madeira sempre na mão, e dirigiu a marcha, adaptando seu andar ao deles, solene, voltando-se de vez em quando para verificar que suas forças não ficavam atrás. Na verdade, nunca um chefe teve semelhante séquito.

Pulverizados pelo terreno em que marchava lentamente aquela atroz da multidão para a água, havia alguns objetos que não provocavam nenhuma associação de idéias significativa no espírito do chefe: em alguns lugares, uma manta enrolada, com as duas pontas atadas por uma corda; aqui, uma pesada mochila de soldado; lá, um fuzil quebrado; em soma, esses refugos que se encontram na retaguarda das tropas em retirada, balizando a pista dos vencidos que fugiram de seus perseguidores. Em todos os lados junto ao arroio, ladeado naquele lugar por terras baixas, que tinham sido pisadas e transformadas em lodo pelos pés dos homens e os cascos dos cavalos.

Um observador mais experiente teria notado que esses rastros foram em ambas as direções; duas vezes tinham passado pelo terreno: avançando, retrocedendo. Algumas horas antes, aqueles feridos sem esperança tinham penetrado no bosque aos milhares, em companhia de seus camaradas mais felizes. Seus batalhões sucessivos, dispersando-se em enxames e reformando-se em linhas, tinham desfilado junto ao menino adormecido, por pouco não o tinham pisoteado em seu sonho.

O ruído e o murmúrio de sua marcha não o tinham despertado. Quase à distância do fundo do lugar em que estava deitado, tinham liberado batalha; mas o menino não tinha ouvido o estrondo dos fuzis, o estampido dos canhões, «a voz tonante dos capitães e os clamores». Tinha dormido durante quase todo o combate, apertando contra seu peito o sabre de madeira, possivelmente por inconsciente simpatia para o conjunto marcial que o rodeava, mas tão insensível à magnificência da luta como aos coitados ali tinham morrido para fazê-la gloriosa.

Além das árvores, do outro lado do arroio, agora o fogo se refletia sobre a terra do alto de sua abóbada de fumaça e banhava toda a paisagem, transformando em vapor dourado a linha sinuosa da névoa. Sobre a água brilhavam largas manchas vermelhas, e vermelhas eram igualmente quase todas as pedras que emergiam. Mas sobre aquelas pedras havia sangue: os feridos menos graves

as tinham maculado ao passar. Graças a elas, também, o menino cruzou o arroio a passo rápido; ia para o fogo. Uma vez na outra borda, voltou-se para olhar seus companheiros de marcha. A vanguarda chegava ao arroio. Os mais vigorosos se arrastaram até à beira e tinham afundado o rosto na água. Três ou quatro, que jaziam imóveis, pareciam não ter já cabeça. Ante esse espetáculo, os olhos do menino se dilataram de assombro; por hospitaleiro que fosse seu espírito, não podia aceitar um fenômeno que implicasse tal vitalidade.

Depois de haver abreviado sua sede, aqueles homens não tinham tido forças para retroceder nem manter suas cabeças por cima da água: afogaram-se. Detrás deles, os claros do bosque permitiram o chefe ver, como no princípio de sua marcha, inumeráveis e informe silhuetas. Mas nem todas se moviam. O menino agitou sua boina para as animar e, sorrindo, assinalou com o sabre de madeira em direção à claridade que o guiava, coluna de fogo daquele estranho êxodo.

Confiando na fidelidade de seus companheiros, penetrou na cintura de árvores, franqueou-a facilmente, à luz vermelha, escalou uma paliçada, atravessou correndo um campo, voltando-se de tempo em tempo para paquerar com sua obediente sombra, e de tal modo se aproximou das ruínas de uma casa em chamas. Por onde quer que passasse, a desolação. À luz do imenso braseiro, não se via um ser vivente. Não se preocupou com isso. Gostava do espetáculo e ficou a dançar de alegria como dançavam as chamas vacilantes. Correu aqui e lá para recolher combustíveis, mas todos os objetos que encontrava eram muito pesados e não podia jogá-los no fogo, dada a distância que lhe impunha o calor. Desesperado, lançou seu sabre à fogueira: rendia-se ante as forças superiores da natureza. Sua carreira militar tinha terminado.

Como mudasse de lugar, deteve o olhar em algumas dependências cujo aspecto era extranhamente familiar: tinha a impressão de ter sonhado com elas. Ficou a refletir, surpreso, e de repente a plantação inteira, com o bosque que a rodeava, pareceu girar sobre seu eixo. Vacilou seu pequeno universo, transtornou-se a ordem dos pontos cardeais. Nos edifícios em chamas reconheceu sua própria casa!

Durante um instante ficou estupefato pela brutal revelação. Depois ficou a correr em torno das ruínas. Ali, plenamente visível à luz do incêndio, jazia o cadáver de uma mulher: o rosto pálido voltado para céu, as mãos estendidas, duras e cheias de ervas, as roupas em desordem, o comprido cabelo negro, emaranhado, cheio de sangue coagulado; faltava-lhe a maior parte da frente, e do buraco esmigalhado saía o cérebro que transbordava sobre as têmporas, massa cinza e espumosa coroada de cachos escarlates obra de um obus. O menino fez gestos selvagens e incertos. Lançou gritos inarticulados, indescritíveis, que faziam pensar nos chiados de um macaco e nos cacarejos de um ganso, som atroz, sem alma, maldita linguagem do demônio. O menino era surdo-mudo.

Depois permaneceu imóvel, os lábios trementes, os olhos fixos nas ruínas.

***